

O diálogo, o desenho e o texto: reflexões sobre a pesquisa em processos de criação

Lucia Leão¹

Resumo

O poder agenciador de mudanças que reside potencialmente na intersecção entre arte, política e educação é o ponto de partida do presente artigo. Pensando as relações entre arte e política, existe uma longa tradição de trabalhos que são catalogados nessa rubrica (Thompson). O recorte da discussão tem como foco os projetos de arte orientados a processos (*Process Oriented Project - POP*) que abordam a questão política pela perspectiva educacional. Entendendo a educação como prática de liberdade (Freire); o valor do diálogo na produção de conhecimento (Flusser); as dinâmicas do pensamento por imagens (Didi-Huberman); e a produção de textos, documentos e registros como dispositivos de poder (Agamben), o artigo elabora uma curadoria de trabalhos de arte e propõe reflexões com base no método da cartografia de imaginários (Leão).

Palavras-chave

Processos de criação na comunicação e na cultura; educação, política e arte; curadoria.

A vida antes de todas as coisas!

Raoul Vaneigem

Introdução

O poder agenciador de mudanças que reside potencialmente na intersecção entre arte, política e educação é o ponto de partida do presente artigo.

Pensando as relações entre arte e política, existe uma longa tradição de trabalhos que são catalogados nessa rubrica (THOMPSON, 2012). O recorte da discussão tem como foco os projetos de arte orientados a processos (*Process Oriented Project - POP*) que abordam a questão política pela perspectiva educacional. Entendendo a educação como prática de liberdade (FREIRE, 1967); o valor do diálogo na produção de conhecimento (FLUSSER, 2007); as dinâmicas do pensamento por imagens (DIDI-HUBERMAN, 2018); e a produção de textos, documentos e registros como dispositivos de poder (AGAMBEN, 2009), o artigo elabora uma curadoria de trabalhos de arte e propõe reflexões com base no método da cartografia de imaginários (LEÃO, 2011; 2016).

Em *A importância do ato de ler*, Paulo Freire nos fala que “ler é muito mais do que identificar um código escrito no seu idioma, ler é ler o mundo” (FREIRE, 1981, p. 9). No contexto de uma cultura de excessos, quando o cotidiano é vivido em tensão, demandas de tarefas infinitas, cobranças constantes e uma interminável sensação de vazio, algo fundamental se esvai. Sobrecarregados, dispersos e hiper-estimulados, seguimos rotinas extenuantes que comprometem nossas relações com os outros, com o tempo e o espaço. Nos discursos que analisam os problemas vinculados à essa situação, temas como baixa qualidade de vida, sociedade do cansaço e dinâmicas psicopolíticas trazem pistas para se pensar a gravidade do problema (HAN, 2017). Não por acaso, transtornos mentais como ansiedade generalizada, depressão, fadiga crônica e síndrome do *burnout* apresentam índices alarmantes. Nossa

sociedade está em crise. O que a arte e a educação podem fazer?

No panorama proposto por Negri e Hardt (2014), o cenário se configura em torno de quatro subjetividades: o endividado, o securitizado, o mediatizado e o representado. Entender as complexas dinâmicas que engendram cada uma dessas subjetividades nos parece fundamental para podermos ampliar nossa compreensão da crise.

Defendemos que a arte e a educação podem contribuir na transformação desse cenário, questionando os condicionamentos, abrindo espaço para novas perspectivas e despertando a importância de uma atitude atenta para os eventos do cotidiano. As relações entre arte e política caminham por uma compreensão das complexidades comunicacionais e tangenciam, necessariamente, as bases de um projeto em educação. As forças transformadoras da arte atuam em três camadas: no campo das sensibilidades, nas ações e práticas do cotidiano e na ampliação da consciência.

Raoul Vaneigem, em *A arte de viver para as novas gerações*², publicado em 1967, nos fala que a criatividade e a poesia são munições revolucionárias poderosas. Para o ativista belga, só existe um caminho para a felicidade: a releitura do mundo. Assim, a revolução deve começar no cotidiano, na recusa a uma postura passiva, pautada meramente no consumo de imagens e espetáculos.

Adaptando as ideias de Vaneigem aos objetivos da nossa discussão, é possível afirmar que precisamos resgatar valores adormecidos e cultivar a ideia de que a vida pode ser vivida como obra de arte. As potências de criação são ativadas através de diálogos, em conversas, parcerias, nos grupos e oficinas. É na mesa, na rua, no parque, ou mesmo no quadro-negro, que um tipo de situação pode ser despertada. Nas festas, nos mutirões, nas gambiarras, a busca de solução de problemas e a paixão pela vida

são entrecruzadas e, prenas de invenção, geram novas artes e procedimentos (CERTEAU, 1994). Precisamos aprender a ver nosso cotidiano com olhos empoderados, assumindo uma perspectiva de liberdade e revestidos de um entendimento da potência transformadora que habita em todos nós.

O convite para pensar o diálogo, o desenho e o texto: reflexões sobre a pesquisa em processos de criação é, acima de tudo, uma chamada para compreender a potência transformadora que ativamos quando ousamos relacionar vida, conhecimento e arte.

Escolhemos para o debate pensar os encontros ou experiências estéticas que valorizam o poder de produção de conhecimento que só o diálogo, em sua oralidade fluida, aciona (FLUSSER, 2007). Interessamos também ponderar sobre as capacidades criativas da atividade cartográfica, isto é, o potencial cognitivo que tem origem na atividade de um livre rabiscar, das anotações, diagramas, imagens, e desenhos. Pensada enquanto dispositivo (AGAMBEN, 2009) de territorialização (construção de território) e desterritorialização (construção de linhas de fuga), a cartografia nos auxilia a exercer um pensamento em fluxo (LEÃO, 2011). No caso das poéticas coletivas, a cartografia constrói um território comum onde podemos compartilhar ideias, impasses e relações (LEÃO, 2016).

Por fim, nosso olhar se direciona a refletir sobre o poder que habita nas tessituras do texto. Aqui gostaria de deixar claro o que estou denominando processos de criação de texto. Para me referir a essa etapa, gostaria de trazer a imagem do tecelão que, em seu trabalho, produz as mais diversas tramas. Na escrita do texto podemos nos permitir um tipo de atenção diferenciada, que se foca nas linhas e letras e acompanha um devaneio ritmado. Escrever, nesse sentido, é uma meditação, uma viagem por

recônditos do pensamento. A escrita é assim registro de viagem e partilha da experiência.

Antes de iniciarmos nossa cartografia de projetos artísticos, é importante esclarecer que, no presente artigo, empregamos o termo dispositivo no sentido proposto por Agamben. Na síntese que o filósofo italiano elabora a partir do pensamento de Foucault, o dispositivo:

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, , instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (AGAMBEN, 2009, p.29).

Mais adiante, no mesmo texto, após desenvolver uma genealogia terminológica, envolvendo um estudo ideia grega de *oikonomia* até chegar na versão latina *dispositio*, Agamben elabora uma generalização ainda mais ampla para o termo:

(...) chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Os quadros-negros de Beuys

Quadros-negros, quadros-verdes e mais recentemente, quadros-brancos, lousas de vidro e lousas

digitais interativas são objetos que acompanham a experiência educativa da sala de aula. Quer pensemos em acessórios como giz, apagador, caneta hidrográfica ou sistemas digitais, nos devaneios sobre momentos coletivos de interação e aprendizagem, a figura da lousa se faz presente. A exposição ganha um precioso auxiliar na organização das ideias e no desenvolvimento dos argumentos, com um espaço de anotações e registro.

Joseph Beuys (1921-1986), um dos artistas mais provocativos da história da arte, realizou uma série de projetos e ações que deixaram quadros-negros como registros dos processos. *Four Blackboards*³ (1972) e *F.I.U. Blackboards*⁴ (1977-1979), por exemplo, provocam até hoje, grande inquietação. *Four Blackboards* é uma série de quadros-negros que documentam uma ação realizada na Tate Gallery de Londres em 1972, durante um evento no qual Beuys discutiu sobre arte, comunicação e as bases da democracia.

Na instalação presente no Smithsonian, *F.I.U. Blackboards*, um conjunto composto por dois quadros-negros, giz, balde e um pano é ainda mais enigmático. Os quadros-negros parecem vazios, apagados mas, um olhar mais atento, nos revela resquícios de antigas anotações. Logo à frente, um balde e um pano sujo nos apontam para marcas e outros resíduos derivados do ato de apagar. Como algo tão banal e corriqueiro, pode ser também uma obra de arte?

Durante os anos 1970, Beuys viajou por várias partes do mundo para apresentar suas ideias e os quadros-negros foram recursos comunicacionais e didáticos fundamentais nesses projetos. Seus discursos versavam sobre os mais diferentes assuntos, passando por problemas sociais, relações entre arte e política e defesa do meio ambiente. Beuys foi professor e seus projetos buscavam contribuir para criação de uma sociedade mais justa.

Em 1977, com um grupo de amigos, fundou a *The Free International University (F.I.U) for Creativity and Interdisciplinary Research*, uma escola que funcionava no atelier de Beuys em Dusseldorf. Inovadora, a escola tinha como plano pedagógico uma abordagem interdisciplinar, com grade curricular heterogênea e inusitada. Entre as matérias listadas, por exemplo, tradicionais disciplinas das artes como desenho, pintura, escultura, teoria das cores, estão lado a lado com teoria do conhecimento, teoria da informação, dialética e fenomenologia da história. Totalmente inusitada, ao lado da matéria de comportamento social comparece a disciplina de solidariedade.

A F.I.U oferecia cursos gratuitos e promovia seminários. Sua missão, em termos gerais, era promover um encontro entre a arte e as questões sociais. Segundo o manifesto da F.I.U, escrito por Beuys e Heinrich Böll⁵:

A criatividade não se limita a pessoas que praticam uma das formas tradicionais de arte, e mesmo no caso dos artistas, a criatividade não se limita ao exercício de sua arte. Cada um de nós tem um potencial criativo que está oculto pela competitividade e pela busca de sucesso. Reconhecer, explorar e desenvolver o potencial criativo é a tarefa da escola. A criação - seja uma pintura, escultura, sinfonia ou romance - envolve não apenas o talento, a intuição, os poderes de imaginação e aplicação, mas também a capacidade de moldar o material que possa ser expandido para outras esferas sociais relevantes... Não é objetivo da escola desenvolver orientações políticas e culturais, formar estilos ou fornecer protótipos industriais e comerciais. Seu principal objetivo é encorajar, descobrir e promover o potencial democrático e a sua expressão. (BEUYS, 1979)

Beuys via o poder comunicativo e a função social da arte como forças entrelaçadas. Suas ações, termo que usava para denominar seus projetos, buscavam despertar a consciência para problemas como a desigualdade ou a destruição do meio ambiente. Desenvolveu um conceito expandido de arte que recebeu o nome de escultura social. Segundo Beuys, conceber a escultura social como arte implica entender que cada um de nós, com nosso potencial criativo, pode e deve explorar as leis do organismo social e se engajar na transformação da sociedade.

A instalação *F.I.U. Blackboards*, apresentada de modo imponente no museu, funciona como dispositivo educacional e é uma referência aos pensamentos que orientavam as ações do artista. No caso, a obra documenta o processo no qual, durante a apresentação de palestras por cientistas de diferentes disciplinas, o artista se posicionava diante dos quadros e fazia anotações, desenhos, diagramas. Quando a lousa estava completa, Beuys apagava com o pano e iniciava um novo processo de reflexão gráfica. Assim, os quadros-negros de Beuys, ao articular palestras, discursos, escuta, palavras, signos gráficos, escrita e apagamento, se configuram como obra-dispositivo de ações.

A árvore dos desejos de Teles

Paulo Cesar Teles desenvolve um projeto interdisciplinar que agrega questões educativas, midiáticas e políticas desde 2001. Misto de vivência coletiva reflexiva e oficina de criação em hipermídia, o projeto *Árvore dos Desejos*, ao resgatar imagens míticas e reviver rituais é, antes de tudo, uma celebração festiva da vida e do poder criativo que habita em todas as pessoas (TELES, 2014).

Nas instalações de Teles, o papel participativo da comunidade é crucial, visto que os elementos

simbólicos fundamentais – que darão o tom do projeto, são descobertos e escolhidos a partir do estabelecimento de um espaço de conversação onde todos os envolvidos têm voz ativa. A ideia do *Árvore dos Desejos* se fundamenta justamente na valorização do poder, simultaneamente catalizador de afetos e descobertas, que o diálogo agencia.

Os participantes são encorajados a se expressar utilizando diferentes mídias (desenhos, textos, vídeos, entre outros) e, nesse diálogo, o conhecimento sobre si mesmo e sobre a comunidade em que vivem são transformados. Em seu processo de criação, *Telles* incorpora também a ideia de viagem como uma oportunidade de encontro com outras culturas e, assim, o projeto já foi realizado em várias partes do Brasil e do mundo como Portugal, Alemanha, Grécia, Nova Zelândia e Nigéria.

Para nossa cartografia, escolhemos a experiência “IGI AA MU ERONGBA SE” (*Árvore dos Desejos*) realizada em 2016 na Nigéria, em parceria com o artista plástico local Sunday Olaniran Olaniyi, sua equipe e a comunidade da região.

A vivência inicia com momentos de conversação sobre cotidiano, vida em comunidade, cultura, arte e tecnologia. Participam dos encontros professores da região e alunos – crianças com idade entre 9 e 14 anos. Uma árvore, construída pela a comunidade a partir de materiais reciclados, é a base que irá receber os desejos. Escritos, desenhados, fotografados, os desejos são expressos em vários formatos e são colocados nos galhos da árvore que, como um eixo, organiza os afetos compartilhados.

Símbolo ancestral, presente nas mais diversas tradições e culturas do mundo, a árvore evoca processos naturais de crescimento e transformação e, dessa maneira, é uma imagem que traduz os ritmos da vida. Segundo o estudo sobre antropologia do imaginário de Gilbert Durand (2002), a árvore é a imagem matriz de todo um universo de imagens

ascensionais. Nesse universo, encontramos toda uma gama de imagens que falam da verticalização e dos movimentos em busca dos planos superiores ou transcendência. Assim, em seus movimentos de crescimento e busca de luz, a imagem da árvore e a imagem do céu são inseparáveis.

Como todo símbolo complexo, a árvore guarda em si uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que denota movimento em suas dinâmicas de crescimento; a árvore é também uma expressão explícita de fixidez e imobilidade enraizada e, nesse sentido, é utilizada para exprimir ideias de estabilidade, firmeza, sedentarismo e aprisionamento.

Observar as árvores, em seus ciclos de crescimento, passagens pelas estações do ano, florescimento e morte, é a base de uma semiótica da vida, de um entendimento profundo e incontestável das eternas mutações. Prestar atenção às mudanças, nos signos dos ventos que transparecem no movimento das folhas, pode ter sido a origem de todo um pensamento meteorológico, que busca antecipar chuvas e tempestades. Na observação de folhas secas, ou mesmo das folhas que caem, um aprendizado sobre as necessidades das árvores e suas passagens pelo ano é construído.

Na árvore, podemos descobrir também uma imagem de totalidade, uma imagem síntese que reúne os quatro elementos do universo: terra, água, fogo e ar. A terra como elemento mãe, berço e sustentação, é lugar onde a árvore brota e a partir do qual suas raízes exploram as profundezas do mundo oculto, subterrâneo. A água como elemento nutritivo essencial no processo da manutenção da vida e como seiva que circula por todo o organismo árvore. O fogo como imagem derivada da madeira e, na sabedoria chinesa, como elemento provedor de energia vital e regulador do equilíbrio metabólico. Por fim podemos reconhecer na imagem da árvore o ar, entendido tanto enquanto ambiente ao redor,

microcosmo e *umwelt*, como meio de transporte da luz e da constante troca química entre oxigênio e gás carbônico.

Para Chevalier e Gheerbrant (1988), a árvore é um símbolo universal das relações que se estabelecem entre a Terra e o Céu, à medida que:

põe igualmente em comunicação os três níveis do cosmo: o subterrâneo, através de suas raízes sempre a explorar as profundezas onde se enterram; a superfície da terra, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, 1988, p. 84)

A interatividade e a participação do projeto são criadas a partir de encontros e oficinas. Depois de conversas em roda, músicas e *contação* de histórias, as crianças são convidadas a compartilhar seus sonhos. Mais que uma oficina de exploração antropológica, o interesse do projeto de Teles é desenvolver uma plataforma de diálogos e descobertas. As crianças participam também de vídeos, com gravação de relatos, depoimentos e poesias. Alguns dos desenhos são animados e o material produzido é digitalizado e projetado em camadas no espaço expositivo.

No caso específico da experiência “IGI AA MU ERONGBA SE”, considerando a importância que a música tem na cultura nigeriana, os instrumentos foram gravados separadamente. Na plataforma hipermediática criada por Teles, sensores de movimento e proximidade acionam projeções de desenhos, textos e imagens que, em conjunto com os ritmos e melodias da experiência sonora criando uma paisagem mutante de sonho e encantamento.

Considerações finais

Pode a arte, a educação e a política serem agenciadores de transformações na nossa forma de perceber o cotidiano e entender as complexidades da vida? Como traduzir essa experiência sensível em ações e práticas mais conscientes que foram provocadas por uma visão de mundo expandida? Inspirados pela reflexão acerca dos projetos de arte e política de nossa curadoria, podemos traçar algumas pistas.

Sabemos, desde tempos imemoriais que as árvores comunicam. As árvores são mídias que nos informam e nos ensinam sobre todo o ecossistema. No projeto de Teles, funções vitais da árvore, como mestra e como centro catalizador de uma vida em comunidade, são revividas. Na experiência estética com a *Árvore da vida*, os participantes puderam viver momentos de ampliação dessas funções vitais. A partir dos vídeos que podemos acessar nas redes que relatam o projeto, é possível, com uma atitude plena do devaneio, como diria Bachelard (1988), por em atividade as dinâmicas poéticas da imaginação. Na viagem por esse exercício criativo, imaginando essas vivências, somos convidados a pensar que em cada árvore, em cada esquina, uma semiosfera vibrante repousa aguardando um tradutor.

Diálogos, escuta e o livre fluir dos pensamentos se corporificam em cartografias nos quadros-negros de Beuys. Propondo que a arte é escultura social, isto é, um meio de dar forma à história, o artista desenvolveu dispositivos agenciadores de transformações na forma de ver o mundo e de entender as múltiplas perspectivas dos problemas sociais e das ciências. Das complexidades que emergem de suas ações, da valorização dos diálogos entre os saberes e do poder criativo de cada pessoa podemos extrair reflexões inspiradoras para novas ações na interface da arte, educação e política.

Em síntese, os projetos participativos que analisamos acionam potências de aprendizado e produção de conhecimento. Essas forças operam por entre diálogos, imagens e textos. Com o os diálogos, no livre fluir do pensar e nas descobertas que as trocas com os outros nos proporcionam, criamos espaço para a produção criativa que emerge da comunicação (Flusser, 2007). Com as imagens, com o pensamento que se corporifica em desenhos e diagramas, se apoderando do espaço em suas horizontalidades (Didi-Huberman, 2018) e em seus movimentos de busca de compreensão, novas paisagens de signos se descortinam e nos instigam a serem desveladas. Por fim, na documentação, no registro e na produção de textos, entendidos como plataformas operativas, as descobertas se posicionam como saberes em fluxos, com força estética, lógica e política capazes de catalisar múltiplas outras experiências.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BEUYS, Joseph. *What is art?: conversation with Joseph Beuys*. Clairview Books, 2007.
- BEUYS, Joseph and Heinrich Böll (1973). "Manifesto on the foundation of a 'Free International School for Creativity and Interdisciplinary Research'". In: TISDALL, Caroline. *Joseph Beuys*. New York: Thames and Hudson, 1979.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou o gaio saber inquieto – O olho da história, III*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- FLUSSER, V. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez Editora, 1992
- Fundação Heinrich Böll. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/categorias/fundacao>>. Acesso em 27 out.2018.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- LEÃO, L. Paradigmas dos processos de criação em mídias digitais: uma cartografia. *VIRUS Revista do Grupo Nomads*, USP, v. 6, p. 05-27, 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/?sec=3&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 22 out. 2018.
- LEÃO, L. Memória e método: complexidades da pesquisa acadêmica em processos de criação. In: Venturelli, S.; Rocha, C. (Org.). *Mutações*,

confluências e experimentações na arte e tecnologia. Brasília: UNB, 2016.

NEGRI, A. HARDT, M. Figuras subjetivas da crise. In: *Declaração: isto não é um manifesto*. São Paulo: N-1 edições, 2014.

TELES, Paulo C. S.; LETSIUO, M. . *Wishing Tree*: instalação artística não-háptica realizada com alunos de segundo grau 'junior'. *Art education Journal*, yearly journal of Hellenic Art Teachers Union, v. 30, p. 129-132, 2014.

THOMPSON, N. (ed.) *Living as form: Socially engaged art from 1991-2011*. New York: Creative Time Books, 2012.

VANEIGEM, Raul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad, 2003.

Notas

- 1 LUCIA LEÃO é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2001) e pós-doutora em Artes pela UNICAMP (2004). Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica e do Curso de Comunicação em Mídias da PUC/SP. Autora de vários livros entre eles: *O labirinto da hipermídia* (1999) e *Processos do imaginário*. Sua pesquisa tem caráter interdisciplinar e envolve as áreas da comunicação, processos de criação, cibercultura, fotografia, audiovisual, arte e tecnologia. É Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias, CCM CNPq. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0123760573081386> | <http://lattes.cnpq.br/5713834069018261> | <https://scholar.google.com.br/citations?user=JCgZv2wAAAAJ&hl=pt-BR> | lucleao@pucsp.br

- 2 No original: *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations*. Paris: Gallimard, (1967) 1998.
- 3 *Blackboards* (1972), obra de Joseph Beuys, da Tate Gallery, ação gráfica criada durante evento onde o artista discutiu sobre arte, comunicação e filosofia social.
- 4 A obra *F.I.U. Blackboards* (1977-1979), de Joseph Beuys pertence atualmente ao acervo do Museu Hirshhorn do Instituto Smithsonian, Washington, EUA.
- 5 Heinrich Böll (1917-1985) foi um importante escritor alemão do período pós-guerra, ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 1972. É interessante observar que a Fundação Heinrich Böll é uma homenagem a esse escritor. Segundo texto da fundação: "A Fundação Heinrich Böll é uma organização política alemã sem fins lucrativos que faz parte da corrente política verde... O nome da Fundação é uma homenagem ao escritor alemão Heinrich Böll, vencedor do Prêmio Nobel de literatura, que personifica os valores com os quais nos identificamos: a defesa da liberdade, justiça, tolerância, engajamento sociopolítico, o debate aberto e a valorização da arte e cultura como esferas independentes de pensamento e ação."